



Edição Especial

III Congresso Internacional de Ensino - CONIEN
Universidade do Minho - Braga, Portugal, 2024

A COMPREENSÃO RESPONSIVA NO GÊNERO *MEME* SOB AS LENTES EPISTEMOLÓGICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

*RESPONSIVE UNDERSTANDING IN THE MEME GENRE UNDER THE
EPISTEMOLOGICAL LENS OF THE BAKHTIN CIRCLE*

Lafayette Menezes de Alencar Lima Rios¹
Fernanda Cerqueira Sousa²
Maria Aparecida Pacheco Gusmão³

Resumo

O avanço tecnológico, com a conseqüente diversificação dos meios digitais de comunicação e transmissão de informações, tem aberto novas possibilidades quanto aos recursos a serem utilizados em sala de aula, posto que, esses representam modalidades de comunicação, logo, de uso da linguagem. Considerando esse contexto, esse estudo objetiva, em uma perspectiva dialógica da linguagem, analisar como os alunos do 1º ano de um Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio compreendem responsivamente os discursos presentificados nos *memes*. De natureza qualitativa do tipo participante, utilizando a sequência didática e a videogravação como instrumentos para produção de dados, chegamos ao seguinte resultado: que para uma efetiva compreensão responsiva ativa, fazem-se necessárias essas duas considerações acerca do leitor: que ele consiga identificar todos os elementos verbo-visuais que compõem a produção discursiva, e, também, que ele se aproprie do contexto extraverbal que alimentou a enunciação, ou seja, o tempo e o espaço em que se dá o ato verbal, o tema do enunciado e, ainda, a relação do escritor com o ocorrido.

¹ Doutorando em Ensino na Rede Nordeste de Ensino- RENOEN / polo Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Professor do Instituto Federal da Bahia-campus Jequié.

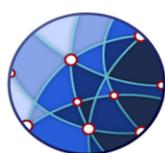
² Doutoranda em Ensino na Rede Nordeste de Ensino- RENOEN / polo Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

³ Doutora em Educação pela UFRN. Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEn). Docente e orientadora no Doutorado em Ensino na RENOEN- polo UESB.

REPPE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ensino

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio (PR), v. 8, n. 2, p. 2466-2486, 2024

ISSN: 2526-9542



III CONIEN
Congresso Internacional de Ensino
PESQUISAS NA ÁREA DE ENSINO:
IMPACTOS, COOPERAÇÕES E VISIBILIDADE

DE 4 A 6 DE SETEMBRO
BRAGA - PORTUGAL



Palavras chave: Discurso dialógico; Compreensão responsiva; *Meme*.

Abstract

Technological advances, with the consequent diversification of digital means of communication and information transmission, have opened up new possibilities regarding the resources to be used in the classroom, since these represent modalities of communication, therefore, of language use. Considering this context, this study aims, from a dialogical perspective of language, to analyze how 1st year students of a Technical Course Integrated into High School, responsively understand the discourses presented in memes. Of a qualitative nature of the participant type, using the didactic sequence and video recording as instruments for data production, we reached the following result: that for an effective active responsive understanding, these two considerations regarding the reader are necessary: that he can identify all the verbal-visual elements that make up the discursive production, and also that it appropriates the extraverbal context that fed the enunciation, that is, the time and space in which the verbal act takes place, the theme of the statement and, also, the writer's relationship with what happened.

Keywords: Dialogical speech; Responsive understanding; *Memes*.

Introdução

O avanço tecnológico, com a consequente diversificação dos meios digitais de comunicação e transmissão de informações, tem aberto novas possibilidades quanto aos recursos a serem utilizados em sala de aula, posto que, esses representam modalidades de comunicação, logo, de uso da linguagem. Integrá-los à prática docente proporcionará o planejamento de aulas mais atrativas, que dialoguem com o mundo tecnológico em que estamos inseridos.

Dentre as novas formas de interação verbal, optamos, para o desenvolvimento desse estudo, pelo *meme*, gênero discursivo “filho” da esfera digital, caracterizado pela presença de textos verbais e não-verbais em sua composição. Quanto aos fatores que corroboraram para a escolha do referido gênero, cabe mencionar, além de ser caracterizado pela multimodalidade, o que nos permite abordar diferentes formas de linguagem em um único texto, sua popularidade entre os adolescentes, já que, conforme enfatizado muitas vezes por Geraldi (1997), os textos propostos para a atividade de leitura não possuem legitimidade, pois não despertam o interesse dos alunos, não os motivam para essa atividade, visto que não dialogam com suas inquietações.

A partir de uma concepção dialógica da linguagem (Bakhtin, 1997), e considerando a necessidade de pensarmos novas estratégias ao desenvolvimento da

competência leitora compreensiva, foi que objetivamos, com o desenvolvimento desse estudo, analisar como os alunos compreendem responsivamente os discursos presentificados nos *memes*.

Conforme defende Gusmão (2010, p. 112), “[...] o primeiro objetivo do ensino da língua materna deve ser o de desenvolver a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de interação”; logo, considerando os fatos acima expostos, cabe assegurar a relevância desse estudo, pois contribuirá para a produção de conhecimento científico acerca da linguagem e como ela pode ser fator de criticidade e democratização do saber. Ainda, os resultados obtidos favorecerão uma maior compreensão de como os gêneros do discurso digitais poderão ser incorporados a uma prática docente mais efetiva.

Para o desenvolvimento deste artigo, o qual é um recorte de estudo mais abrangente desenvolvido em um programa de Mestrado, nos pautamos em pressuposições teóricas do círculo de Bakhtin (Bakhtin, 1987, 1997, 2002; Bakhtin; Volóchinov, 2006, 2019) e de estudiosos brasileiros que com ele dialogam, ademais de autores que discutem o avanço tecnológico e a emergência de novos gêneros, sobretudo, na esfera digital (Castells, 1999; Guerra; Botta, 2018; Lévy, 2000; Marcuschi, 2003; Recuero, 2007; Rojo, 2013; Santaella, 2007, Silva, 2017; Xavier, 2013; dentre outros).

Na sequência, apresentamos a concepção de discurso, segundo pressuposições bakhtinianas, na qual implica-se o conceito de compreensão responsiva ativa e de gêneros discursivos.

Implicações discursivas dialógicas para o ato responsivo ativo

Ao falarmos em discurso, nos apoiamos no filósofo russo da linguagem, Mikhail Bakhtin (1997), para quem uma das premissas é que todo discurso produzido manifesta-se através de enunciados concretos em situações de interação verbal. Logo, cabe trazermos à discussão algumas características inerentes aos enunciados, posto que, conforme nos esclarecem Brait e Melo (2005), esse conceito transcende a fatores exclusivamente linguísticos.

A primeira de suas peculiaridades, em seu processo de elaboração, relaciona-se à alternância dos sujeitos em uma situação de comunicação, marcada pelas réplicas, ou seja, o emissor conclui seu enunciado e passa o turno de fala ao

destinatário, ou, conforme preconizado por Bakhtin (1997, p. 295), “[...] para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro”. Esse filósofo da linguagem ressalta que a referida compreensão é seguida pela atitude responsiva ativa. De acordo com seus escritos,

[...] o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (Bakhtin, 1997, p. 290).

A partir do entedimento de tais palavras, podemos concluir que, em uma situação comunicativa, aquele que ouve adotará sempre uma compreensão responsiva ativa para com os enunciados concretos que lhe forem endereçados. Ainda, consoante com os escritos bakhtinianos, o emissor espera sempre um posicionamento ativo de seu interlocutor, através da aceitação, concordância, recusa, acréscimo, refutação, dentre outras manifestações frente ao discurso.

De acordo com Bakhtin e Volóchinov (2006, p.123), ao agir responsivamente diante de um enunciado concreto, o interlocutor pode expressar seu posicionamento valorativo através da forma como entoa sua palavra na réplica de um grande diálogo⁴, já que, conforme defendem esses teóricos, a entonação “[...] está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida”.

Bakhtin (1997) ressalta que, em determinados gêneros discursivos, conceito que apresentaremos mais adiante, a compreensão responsiva ativa não se manifestará no momento da interlocução, ela refletirá, posteriormente, no discurso e comportamento do ouvinte/leitor. Em sintonia com os pressupostos bakhtinianos, Costa-Hubes (2008) afirma que a compreensão por parte de outro, seguida de uma resposta em uma situação de interlocução, é condição para que se processe o fluxo dialógico.

⁴ Bakhtin e Volóchinov (2006.p.125) compreendem por diálogo não apenas como uma interação face a face entre dois ou mais participantes de uma situação comunicativa, mas sim, “[...] como toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja”.

Para uma efetiva compreensão dos enunciados concretos, Bakhtin e Volóchinov (2019, p.283) ressaltam a importância de que sejam considerados os elementos subentendidos em sua construção, o extraverbal. Segundo eles, a compreensão responsiva fica comprometida sem a análise de tais elementos, já que, um mesmo enunciado, em uma perspectiva dialógica da linguagem, pode ser uma “[...] réplica para acontecimentos e circunstâncias absolutamente diferentes e semelhantes”.

De acordo com esses teóricos, três aspectos permeiam o extraverbal em uma construção enunciativa concreta: “[...] o espaço e o tempo do acontecimento do enunciado [...], o objeto ou tema do enunciado [...] e a relação dos falantes com o ocorrido [...]” (Bakhtin; Volóchinov, 2019, p. 285). Ou seja, nossos enunciados concretos estão diretamente “[...] entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida” (Bakhtin; Volóchinov, 2019, p. 121).

Uma segunda característica dos enunciados concretos, a qual, segundo o autor (Bakhtin, 1997, p. 299), está intrinsecamente relacionada à primeira, diz respeito ao acabamento. A alternância do sujeitos, em uma dada situação de interlocução, se dá pela percepção de acabamento do enunciado ouvido/escrito. Isso pode produzir-se a partir de três fatores: “[...] 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento”.

Em relação à terceira peculiaridade desses enunciados concretos, o teórico russo resalta a importância do destinatário do discurso, o que influenciará diretamente na construção enunciativa, já que, serão impressos valores de ordem ideológica, emocional e subjetividades. Conforme nos esclarece Bakhtin (1997), os enunciados concretos representam elos entre o emissor e os “outros” que participam do ato comunicativo, o que revela a inexistência de enunciados absolutamente imparciais.

Supracitadas características manifestas nos enunciados concretos conduzem, dentre outros aspectos, à sua natureza dialógica e, conforme elucida Bakhtin (1997, p. 318), é imprescindível conhecê-la se quisermos “[...] compreender até o fim o estilo do enunciado”. A partir de uma concepção dialógica da linguagem, nossos enunciados ligam-se, em uma cadeia enunciativa, a outros já produzidos por nós mesmos ou por interlocutores, o que revela o caráter sócio-histórico em sua constituição. Nesse sentido, todo:

[...] enunciado - desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico - comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão) (Bakhtin, 1997, p. 295).

Dessa forma, considerado como algo complexo de ser analisado, cada enunciado ressoa dialogicamente na cadeia de comunicação verbal, revelando, nesse sentido, que todo discurso produzido encontra-se permeado pelo discurso do outro. Sobre isso, postula o autor que, se nos ativermos a uma análise minuciosa, “[...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridades” (Bakhtin, 1997, p. 318). Por alteridade, compreendemos a participação do outro em nossa construção discursiva, o que ratifica a concepção dialógica da linguagem.

Fiorin (2011, p. 46), estudioso das obras de Bakhtin e de seu círculo, apresenta os três conceitos de dialogismo que se perfazem em seus escritos. O primeiro deles está relacionado com a concepção de que todos os enunciados trazem consigo outros enunciados em seu processo constitutivo. O segundo se reporta à incorporação de outras vozes a nossos discursos. O terceiro conceito se funda na ideia de que o indivíduo se constitui em contato com outros; esse último está ancorado no pressuposto de que “[...] a subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito”.

Com essas supracitadas teorizações, que caracterizam um discurso dialógico e as implicações da apropriação extraverbal para uma efetiva compreensão responsiva ativa, passaremos ao conceito de gêneros discursivos, ademais das especificidades que representam o *meme*, gênero escolhido para o desenvolvimento desse estudo.

As dimensões discursivas no gênero *meme*

Conforme preconizado por Mikhail Bakhtin (1997), todos os campos da atividade humana se concretizam através da língua, e essa, através de enunciados concretos orais e escritos. Apesar de conceber a língua como unidade nacional, Bakhtin (1997) assegura que as suas variadas formas de expressão correspondem

aos diversos campos de atuação humana, ou seja, nas diferentes esferas de interação verbal.

Segundo essa concepção, serão as condições de produção do discurso e as finalidades a que se propõe que servirão de balizadores para a elaboração dos enunciados concretos em determinadas esferas de uso efetivo da linguagem. Em suas palavras, esses enunciados

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (Bakhtin, 1997, p. 280).

De acordo com sua teoria, essas três dimensões - conteúdo temático, estilo verbal e estrutura composicional - aparecem intrínsecas aos enunciados concretos em situações comunicativas específicas. A relativa estabilidade desses enunciados vinculada a determinadas esferas de comunicação é o que ele conceitua de gêneros do discurso, os quais são diversos, assim como também o são as esferas de atividades humanas.

Essa pluralidade de gêneros discursivos a que Bakhtin se refere tornou-se ainda mais evidente com o ciberespaço, o qual, na concepção de Lévy (2000), pode ser compreendido como um “espaço” virtual de comunicação em que se processa a informação de forma aberta, instantânea, fluida, hipertextual e interativa.

O avanço das tecnologias digitais e o advento da web 2.0 influenciaram não somente na forma como se dá a relação e interação entre pessoas, como também, conforme advoga Xavier (2013), nas práticas de leitura e de produção de textos. Esses textos se veem marcados, nesse cenário de avanço dos recursos tecnológicos, pela multimodalidade, multissêmico, ou seja, conjugam-se textos verbais e visuais na construção discursiva. De acordo com Castells (1999, p. 68),

[...] o registro histórico das revoluções tecnológicas, conforme foi compilado por Melvin Kranzberg e Carroll Pursell, mostra que todas são caracterizadas por sua penetrabilidade, ou seja, por sua penetração em todos os domínios da atividade humana.

Consoante a esse pensamento de Castells (1999), vejamos o que nos dizem Cruz, Neto e Hetkowski (2008, p. 86-87) acerca dos benefícios e da relação

estabelecida entre o homem e os recursos advindos da referida revolução tecnológica, iniciada nos anos 1970 nos Estados Unidos:

[...] a presença de computadores, rádios, fax, tvs digitais, telefones celulares, aparelhos eletrodomésticos, circuitos internos de tv, geoprocessadores, nanotecnologias, Internet, dentre outros, aparecem como componentes inerentes à vida cotidiana do homem, os quais possibilitam, de forma ágil, o processamento, o armazenamento, a incorporação a circulação de informações, como nunca assistido na história da humanidade.

Esse cenário, em que os recursos passaram a incorporar o cotidiano das pessoas, impactando nas formas de se relacionarem e de se comunicarem, resultou em novas práticas de uso da linguagem, em novas formas de cultura vinculadas ao ciberespaço, à cibercultura. Sobre essa nova modalidade de cultura, Santaella (2007) esclarece que não desconsidera as formas culturais que a precederam: a oral, escrita, impressa, de massa, das mídias.

Com a nova cultura proporcionada pelo ciberespaço, com as novas esferas de comunicação, emergem “novos” gêneros discursivos. Sobre isso, acena Rojo (2013, p. 20): “[...] hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de ‘leitura-escrita’ que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua multisssemiose ou em sua multiplicidade de modos de significar”. Sobre a emergência de novas configurações discursivas, Marcuschi (2003; 2021) reconhece não só sua diversidade como também a sua imprecisão em números.

É nesse contexto, em que se diversificam e se ampliam práticas discursivas em consonância com demandas sociais vinculadas ao uso de recursos tecnológicos, que surgiu o interesse por investigar a compreensão responsiva ativa no gênero discursivo *meme*.

No que tange à origem, cabe registrar que o termo *meme* foi apresentado no livro “O Gene Egoísta” de Richard Dawkins, publicado em 1976. A partir de uma perspectiva evolucionista, o autor traça um comparativo da evolução genética com a evolução cultural em que termo *meme* representa o gene, que se perpetua através de seus replicadores (Recuero, 2007).

Pautada nos pressupostos teóricos de Dawkins (2001), Recuero (2007), em um estudo sobre a taxonomia dos *memes* para *weblogs*, apresenta as seguintes

características, com respectiva descrição, que são inerentes ao referido gênero: longevidade, fecundidade e fidelidade às cópias.

A longevidade se reporta à capacidade que os *memes* apresentam de permanecerem por muito tempo em circulação. Segundo Recuero (2007), a longevidade será classificada de acordo com a quantidade de aparecimento dos *memes* em diferentes *weblogs* durante o período analisado. Dessa forma, poderão ser classificados em persistentes (replicados por longo tempo) e voláteis (desaparecem de circulação rapidamente).

Em relação à fecundidade, compreende-se a capacidade de que sejam replicados. Ela os classifica em epidêmicas - da mesma forma que uma epidemia, se espalha de forma ampla -, e fecundo - se espalham por grupos menores. A autora adverte que, apesar de todos os *memes* serem fecundos, apresentam a referida característica em níveis diferentes.

Silva (2017, p. 42-43), em seu estudo sobre os *memes*, acrescenta que, aos serem replicados, esse gênero discursivo revela seu caráter dialógico, posto que os novos enunciados gerados mantêm relação com o original. De acordo com suas palavras, “[...] os enunciados concretos veiculados por eles mobilizam processos dialógicos singulares nos quais, simultaneamente, significados originais e novos sentidos se alimentam em um processo de transposição de contextos”.

No que tange à fidelidade às cópias, Recuero (2007), a partir de estudos de Haylighen (1994), Lackmore (1999) e Dawkins (2001), relaciona essa característica à proximidade do *meme* com o original. Segundo seus escritos, “[...] quanto menor for a variação da ideia inicial, maior a fidelidade da cópia” (Recuero, 2007, p. 24). Nessa perspectiva, os *memes* foram classificados em replicadores (possui mínima variação), metamórficos (são alterados em sua essência) e miméticos (sofrem alteração, entretanto mantêm estrutura inalterada, o que os tornam facilmente reconhecidos como imitação).

Esse gênero discursivo multimodal, permeado pelo tom humorístico na representação e imitação da realidade, muitas vezes subversivo e satirizante, tem a intenção de provocar o riso. Entretanto, para que isso se dê, é indispensável que o jogo verbo-visual materializado nesse gênero discursivo seja compreendido pelo leitor, já que, não é somente através da palavra, mas também da imagem e do gesto significativo que a consciência manifesta seu conteúdo semiótico e ideológico. De acordo com os escritos de Bakhtin e Volóchinov (2006, p. 34),

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. [...] Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem.

Dessa forma, seguindo essa linha de raciocínio, todos os elementos que compõem a estrutura de um gênero multimodal devem ser considerados no ato de leitura e análise com vistas à compreensão. Sobre esse ponto, Brait (2013, p. 44) também se posiciona afirmando que a dimensão verbo-visual “[...] apresenta papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido”.

Conforme nos adverte Possenti (2010), não compreender os componentes que se perfazem na referida dimensão pode implicar falha na intenção comunicativa. Sobre esse ponto, Guerra e Botta (2018, p. 1863) complementam afirmando que “[...] se o *meme* não é entendido, ele não é compartilhado, e perde sua característica fundamental, que é a capacidade de viralizar”.

Com o exposto, passaremos à elucidação dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento dessa investigação pare que possamos analisar como os participantes do estudo compreendem responsivamente os discursos presentificados nos *memes*.

Encaminhamentos metodológicos

Considerando o objetivo a que se propõe, esta pesquisa é de natureza qualitativa, visto que, conforme assegura Minayo (2002, p. 21-22), esse tipo de pesquisa “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. A partir dos procedimentos técnicos que foram adotados, este estudo se configura como participante, pois, além de caracterizado pela interação entre partícipes e pesquisadores, ele parte “[...] da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações” (Borges; Brandão, 2007, p. 54).

Desenvolvida em uma instituição pública de ensino, localizada no interior do Estado da Bahia, esta investigação contou com 11 participantes, regularmente

matriculados no 1º ano de um Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio, para os quais utilizamos pseudônimos na identificação. Cabe registrar que essa pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética e Pesquisa e, ainda, que todos os participantes e seus responsáveis assinaram os termos de autorização para uso de imagens e depoimentos, e os termos de assentimento e de consentimento livre e esclarecido.

Quanto aos instrumentos para produção de dados, fizemos uso de uma sequência didática adaptada, a partir dos conceitos e orientações procedimentais defendidos por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p. 82), para quem a sequência didática “[...] é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Ainda, de acordo com esses pesquisadores, a finalidade de uma sequência didática é proporcionar aos alunos melhor apropriação das características do gênero estudado. Dessa forma, foram pensados seis momentos, visando à produção e análise da compreensão responsiva dos participantes diante de *memes* produzidos por eles e os que foram apresentados pelos pesquisadores, ademais da apropriação de suas características estilísticas, composicionais e temática.

Para que pudessemos registrar todos os discursos materializados durante o desenvolvimento do estudo, lançamos mão da videogravação, recurso que, segundo Loizos (2003, p. 137), justifica-se pela possibilidade de registro detalhado de todos os acontecimentos reais. Ademais, ressalta esse autor a possibilidade de que pesquisas sociais empreguem, “[...] como dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números”.

Análise e discussão

De acordo com registros bakhtinianos (Bakhtin, 1997), sinalizados no tópico anterior, o ouvinte/leitor compreenderá e agirá de forma responsiva diante dos discursos que lhe forem destinados, ou seja, manifestará aceitação, recusa, concordância, refutação, fará acréscimos, dentre outras atitudes.

Diante de tais considerações, nos momentos destinados ao reconhecimento do gênero discursivo *meme*, abrimos o espaço necessário para que pudessemos atingir um de nossos objetivos, sobre o qual nos debruçamos neste artigo, ou seja, analisar como os participantes do estudo compreendem responsivamente os discursos presentificados nos *memes*.

Dessa forma, analisamos a influência da situação extraverbal e da identificação verbo-visual para uma efetiva compreensão responsiva do ato verbal. Para isso, traremos para nossas análises um *meme* produzido por um dos participantes na sequência didática, e outro que foi veiculado na rede social *Twitter*, ademais de transcrições que se reportam a momentos da investigação.

Apropriação do extraverbal

Conforme postulado por Bakhtin e Volóchinov (2019, p. 120), para uma efetiva compreensão dos enunciados, é indispensável que consideremos, dentre outros aspectos que compõem uma enunciação, aquilo que está subentendido, ou seja, o extraverbal. Segundo suas palavras, a situação extraverbal “[...] integra o enunciado como uma parte necessária da sua compreensão semântica”.

Para confirmar os registros acima, vejamos o *meme* criado pelo participante Levi.

Figura 1: Produção inicial do participante Levi



Fonte: dados da pesquisa, 2022

Conforme podemos constatar, o referido *meme* tem seu projeto discursivo materializado por textos verbal e não-verbal, característica inerente ao gênero em questão, marcado pela multimodalidade.

A imagem de uma lápide com as siglas da expressão “*Requiescat in pace*”⁵, que simbolizam, sócio-culturalmente, a morte, a tristeza, a transposição para um outro mundo, foi utilizada para manifestar, junto ao enunciado “em memória a minha

⁵ Expressão latina que significa “descanse em paz”.

heterossexualidade”, a possível mudança de opção sexual do autor. Atendendo à nossa proposta, projetamos o *meme* e abrimos espaço para que os participantes se posicionassem, manifestando sua compreensão. Quando questionados sobre o que compreenderam, qual o propósito comunicativo do *meme* em tela, não demorou para que emergissem as réplicas de um grande diálogo. Sobre esse, compreendemos não apenas como uma interação face a face entre dois ou mais participantes de uma situação comunicativa, mas sim, conforme postulado bakhtiniano, “[...] como toda comunicação verbal de qualquer tipo que seja” (Bakhtin; Volóchinov, 2006, p. 125).

Vejamos algumas das respostas dadas pelos participantes.

Quadro 1: Posicionamento dos participantes acerca da produção inicial de Levi-
parte 1

João= É sinal que ele tem um ponto de vista mais aberto, que ele se assumiu, teve esse olhar crítico para ele mesmo, eu penso assim, que ele teve esse autoconhecimento, esse discernimento sobre ele mesmo, por mais que seja um *meme*, mas...
Noah= Ele está se descobrindo, se assumiu mais, se assumiu...

Fonte: trecho da transcrição da gravação do 4º momento da pesquisa (28/04/2022).

Conforme podemos observar, as falas de Noah e João convergem quanto à compreensão, ou seja, para eles, o *meme* apresenta-se como uma revelação da opção sexual do participante Levi, conforme podemos observar em suas falas: “[...] é sinal que ele tem um ponto de vista mais aberto, que ele se assumiu”, “Ele está se descobrindo, se assumiu mais, se assumiu”.

Dando sequência ao diálogo sobre essa produção discursiva, questionamos se alguém no grupo apresenta compreensão que diferia da dos dois participantes que se manifestaram anteriormente.

Quadro 2: Posicionamento dos participantes acerca da produção inicial de Levi-
parte 2

Pesquisadores = Alguém compreendeu esse *meme* de maneira diferente da de João e Noah?
Jacó = Não, acho que ninguém compreendeu diferente de João, acho que foi essa ideia que ele quis passar aí...

Fonte: trecho da transcrição da gravação do 4º momento da pesquisa (28/04/2022).

A princípio, a resposta dada por Jacó havia finalizado as discussões acerca dessa produção. Conforme combinado, somente depois de apresentadas as considerações dos participantes é que o autor do *meme* revelaria seu propósito comunicativo para que, assim, pudéssemos comparar se o destinatário compreendera

o discurso conforme a intenção do autor. Dessa forma, vejamos o que nos disse o participante que produziu esse discurso.

Quadro 3: Elucidações do participante Levi acerca de sua produção inicial

Pesquisador= Levi, explique os motivos que te levaram à criação desse *meme*.

Levi= Eu fiz quando estava assistindo uma série lá, aí tinha um cara hétero, aí, do nada, o cara tava querendo pegar mulher, homem, era tudo o que ele tava vendo, ele tinha tomado um negócio, tinha ficado doidão...

Fonte: trecho da transcrição da gravação do 4º momento da pesquisa (28/04/2022).

A explicação dada por Levi acerca da motivação para sua produção discursiva evidenciou o subentendido de sua construção enunciativa, ou seja, uma cena de um filme em que um “cara” hétero, por ter ingerido algo que o tirou da normalidade, passou a relacionar-se com pessoas do sexo masculino e feminino, conforme nos relatou Levi: “[...] querendo pegar mulher, homem, era tudo o que ele tava vendo”.

Segundo teorização de Bakhtin e Volóchinov (2019, p. 285), é necessário que consideremos três aspectos subentendidos da parte extraverbal de um enunciado concreto, “[...] o espaço e o tempo do acontecimento do enunciado [...], o objeto ou tema do enunciado [...] e a relação dos falantes com o ocorrido [...]”.

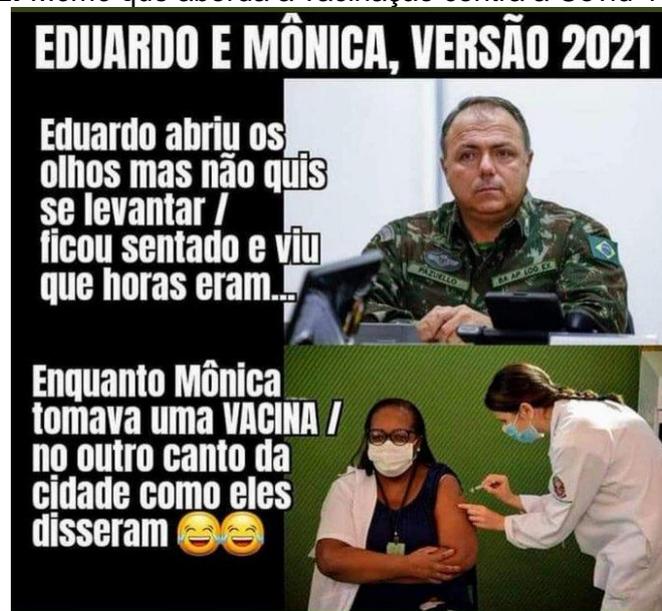
Cientes de extraverbal que permeou a construção enunciativa do *meme* apresentado, ou seja, produzido enquanto o autor assistia a uma série, especificamente, com cenas que tematizavam o relacionamento, supostamente sexual, de um ator com outros do sexo masculino e feminino, foi que chegamos à compreensão efetiva do texto produzido por Levi. A compreensão equivocada expressa pelos demais participantes do estudo, com conseqüente necessidade de apropriação do contexto de produção, evidenciam que um mesmo enunciado, em uma perspectiva dialógica da linguagem, pode ser uma “[...] réplica para acontecimentos e circunstâncias absolutamente diferentes e semelhantes” (Bakhtin; Volóchinov, 2019, p. 283), logo, definida por fatores extraverbais.

A partir de supracitadas análises, podemos concluir que a identificação do contexto extraverbal é um dos fatores determinantes para uma efetiva compreensão de um enunciado concreto. A esse fator mencionado, soma-se ainda a identificação verbo-visual, outra condição para que o leitor compreenda e aja responsivamente diante dos discursos que lhes forem destinados.

Identificação verbo-visual

Para que uma construção enunciativa caracterizada pela multimodalidade atenda a seu propósito comunicativo, é indispensável que o jogo verbo-visual seja compreendido pelo leitor, pois, conforme teorizam Bakhtin e Volóchinov (2006), não somente através da palavra, mas também da imagem e do gesto significativo que a consciência manifesta seu conteúdo semiótico e ideológico. Dessa forma, trazemos para essa análise um *meme* que retrata o período pandêmico da Covid-19.

Figura 2: Meme que aborda a vacinação contra a Covid-19



Fonte: disponível em: <https://twitter.com/JSPendot/status/1351182538849591305> .
Acesso em: 21 fev.2022

De dezembro de 2019 a março de 2022, convivemos com a Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) devido à pandemia da Covid-19, a qual, de acordo com definição apresentada no site do Ministério da Saúde do Brasil, se caracteriza como “[...] uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global” (Brasil, 2021).

Assim que o vírus foi reconhecido, iniciou-se o processo de produção de vacinas que pudessem combatê-lo. A Rússia, de acordo com Senhoras (2021), foi o primeiro país a produzir uma vacina contra a Covid-19. Denominada de Sputnik, a vacina começou a ser produzida em agosto de 2020.

Enquanto outros países se apressavam em produzir e/ou adquirir vacinas para vacinar sua população, o Brasil estava envolto em outro problema quanto a essa temática, ou seja, a resistência do governo, movido por questões ideológicas, em incentivar medidas de isolamento social para conter o avanço do vírus, ademais do retardo no processo de compra de vacinas.

Amparado em Maranhão e Senhoras (2020), e, também, em Fonseca *et al* (2020), Senhoras (2021, p.111) nos sinaliza que o Brasil, apesar de sua posição de destaque que ocupa no cenário internacional quanto à produção de medicamentos, “[...] caracterizou-se no contexto da pandemia da Covid-19 como um país retardatário no cenário de produção de vacinas em função da politização existente em torno da pandemia”.

A referida politização, somada à postura negacionista do então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), trouxe algumas implicações, dentre elas, a crise administrativa na pasta da saúde, o que teve como consequência a troca de três de seus ministros. O terceiro a ocupar o cargo foi o general Eduardo Pazuello, reconhecido por sua postura omissa durante a crise pandêmica, o que corroborou para o atraso no processo de vacinação.

Somente em 17 de janeiro de 2021, o primeiro brasileiro foi vacinado contra a Covid-19. O protagonismo desta cena ficou por conta da enfermeira Monica Calazans, de 54 anos, que recebeu a dose da vacina no estado de São Paulo. A referida profissional da saúde, conforme nos relata matéria publicada no site da CNN Brasil⁶, trabalhava no hospital Emílio Ribas, referência no tratamento contra a Covid-19.

Com esse relato acima, visamos elucidar dois dos três personagens a comporem a imagem do *meme*, exposto na figura 02, ou seja, um ex-ministro da saúde e a primeira pessoa a ser vacinada no Brasil. Entretanto, como esse gênero é composto também por enunciados verbais, indispensáveis à sua compreensão, discorreremos na sequência sobre o texto parodístico utilizado para satirizar a postura negacionista do governo, representado pelo ministro da saúde.

O texto verbal parodia a letra da música Eduardo e Mônica, escrita em 1986 por Renato Russo, integrante do grupo Legião Urbana. Dentre as estrofes que a compõem, cabe menção a esta:

⁶ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/primeira-pessoa-e-vacinada-contra-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 28 set. 2022.

“Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram”

A partir da comparação desse excerto acima com a paródia criada, constatamos a substituição do sintagma nominal “um conhaque” por “uma vacina”, o que contribui para a identificação da temática retratada no texto. Além desse elemento verbal, outros convergem para a identificação do assunto abordado: a figura da enfermeira segurando uma seringa e aplicando-a no braço da Mônica. Entretanto, esses elementos verbais e visuais acima elencados não foram identificados pelos participantes, o que trouxe implicações para a compreensão do propósito comunicativo do texto veiculado. Vejamos como eles se posicionaram quando questionados sobre o que compreenderam:

Quadro 4: Posicionamento dos participantes acerca do *meme* que aborda a vacinação contra a Covid-19 – parte 1

<p>Pesquisadores= O que vocês entendem desse <i>meme</i>?</p> <p>Levi= Só sei que ele fala da vacina, e que tem muito texto (risos)...</p> <p>Noah= To “bugado” aqui, não entendi nada.....</p> <p>Zelote= É, ele tem muito texto mesmo, sei que é sobre a vacina porque tem uma enfermeira metendo a agulha na mulher...</p> <p>Pesquisadores= Quem não entendeu o <i>meme</i>?</p> <p>João= Eu também não entendi...</p> <p>Levi= A gente só entendeu que é sobre a vacina mesmo.</p> <p>Pesquisadores= Todos vocês concordam que é sobre a vacinação?</p> <p>João= Disso a gente tem certeza.</p>

Fonte: trecho da transcrição da gravação do 5º momento da pesquisa (03/05/2022)

Conforme observamos, houve uma compreensão parcial do texto, os participantes reconheceram que ele versa sobre a vacinação, mas não conseguiram identificar a crítica que estava sendo feita ao posicionamento negacionista do ministro, que representa o governo. Quando perguntados se era unânime a compreensão de que o texto retrata a vacinação, João nos deu a seguinte resposta, diante da qual não houve manifestação contrária: “Disso a gente tem certeza”.

Cabe frisar que, em momento algum da discussão, eles se reportaram a um outro elemento que remete à temática, a presença da palavra “vacina” na estrofe parodiada. Talvez uma explicação para isso esteja na fala de Levi e Zelote, que nos afirmaram que o referido *meme* tem muito “texto”, o que não é comum nesse gênero discursivo, situação que, segundo nossa compreensão, pode desestimulá-los à leitura. Cabe destaque ao fato de que o aluno se refere a texto como sinônimo de

enunciados verbais. Somente depois da interferência dos pesquisadores, elucidando os demais elementos que compunham o *meme*, foi que os participantes foram se apropriando de sua real intenção, conforme podemos averiguar na sequência.

Quadro 5: Posicionamento dos participantes acerca do *meme* que aborda a vacinação contra a Covid-19 – parte 2

<p>Pesquisadores= Quem é Eduardo? João= É o ministro da saúde? Davi= Sinceramente, não sei quem é... Pesquisadores= E Mônica? João= Foi a que tomou a vacina primeiro, eu acho... Pesquisadores= Qual era o posicionamento do Ministro da Saúde? João= Esse povo do governo é contra. Pesquisadores= E agora, vocês entendem? Levi= Agora, você explicando, ficou mais fácil para entender...</p>
--

Fonte: trecho da transcrição da gravação do 5º momento da pesquisa (03/05/2022)

Nos diz Geraldi (1997), em analogia ao ato de tecer, que o ato de leitura é movido por um processo dialógico através do qual mobilizamos nossos fios, resultado do processo socio-histórico de nossa constituição, para, junto às pontas de fios deixadas por quem produziu o texto, construirmos o sentido, desvelarmos o propósito comunicativo. Entretanto, conforme comprovado nessa análise, a não identificação das pontas desses fios impacta diretamente nossa compreensão e atitude responsiva ativa. De acordo com Brait (2013, p. 44), a dimensão verbo-visual “[...] apresenta papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido”. Logo, esses elementos compartilham, junto ao contexto extraverbal, do cenário da compreensão responsiva ativa de um propósito discursivo.

Considerações finais

Nesta parte de nosso estudo, apresentamos nossas considerações finais acerca das discussões e análises empreendidas no decorrer desse artigo, o qual, conforme já sinalizado, constitui um recorte de uma discussão mais ampla empreendida no Mestrado. Entretanto, antes da chegada às pontas dos fios que estarão postas para novas tessituras acerca dessa temática, cabe-nos retomar alguns apontamentos que nos mobilizaram a investigar a compreensão responsiva nos *memes*.

O desinteresse de nossos alunos pelo ato da leitura, com conseqüente dificuldade de compreensão, foi um dos motivadores para que elegêssemos essa

competência como objeto de estudo. A opção por esse gênero discursivo da esfera digital, o qual apresenta pouco texto verbal, se deu, também, por nos permitir desmistificar a ideia de que o trabalho com a referida competência somente se realiza através dos cânones literários e/ou com textos que seguem um padrão estrutural, já que, não há regras fixas para a produção de um *meme*.

Ao atingirmos nosso objetivo, ou seja, analisar como os alunos compreendem responsivamente os discursos presentificados nos *memes*, pudemos concluir que, para uma efetiva compreensão responsiva ativa, fazem-se necessárias essas duas considerações acerca do leitor: que ele consiga identificar todos os elementos verbo-visuais que compõem a produção discursiva, e, também, que ele se aproprie do contexto extraverbal que alimentou a enunciação, ou seja, o tempo e o espaço em que se dá o ato verbal, o tema do enunciado e, ainda, a relação do escritor com o ocorrido.

Pautamo-nos nos resultados apontados acima para destacar a relevância e contribuição desse estudo, já que, permitiu trabalhar a criticidade no que se refere à conjugação dos elementos verbo-visuais ao contexto extraverbal na constituição de sentido. Ademais, considerando os recursos tecnológicos que se perfazem nas práticas discursivas do público jovem da educação básica, sinalizamos para a necessidade de que outros gêneros discursivos da esfera digital sejam didatizados para o trabalho para com a competência leitora, visando, dessa forma, a uma prática docente mais efetiva, que dialogue com o contexto sócio comunicativo daqueles que devem ter participação ativa nesse ato- o aluno.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 421p. Tradução de: Maria Ermantina Galvão G. Pereira.

BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentín. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. 1.ed. São Paulo: 34, 2019. 399p. Tradução de: Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentín. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. [S. l.]: Hucitec, 2006. 201p.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, p. 43-66, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/1656>. Acesso em: 04 fev.2022.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61-78.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, v. 6, n. 1, p. 51-62, 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988/10662>. Acesso em: 15 set. 2022

BRASIL, Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?** 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 27 out. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 639 p. Tradução de: Roneide Venâncio Majer com a colaboração de Klaus Brandini Gerhardt.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná: Um resgate histórico-reflexivo da formação em Língua Portuguesa**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Londrina: UEL, 2008.

CARVALHO NETO, Enéas Silva de; CRUZ, Fabrício Nascimento da; HETKOWSKI, Tânia Maria. Sociedade da Informação: tic e programas de inclusão digital. In: HETKOWSKI, Tânia Maria (org.). **Políticas Públicas e Inclusão Digital**. Salvador: Edufba, 2008. p. 85-104.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 81-108.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011. 117p.

GUERRA, Christiane; BOTTA, Mariana Giacomini. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital: principais características e análise preliminar. **Domínios de Lingu@Gem**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 1859, 21 set. 2018. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/dl35-v12n3a2018-17>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/40639/24002>. Acesso em: 10 jun. 2024.

GUSMÃO, Maria Aparecida Pacheco. **Uma ação reflexiva sobre o processo de (re)escrita de textos: a prática pedagógica da professora Maria**. Orientador: Maria Estela Costa Holanda Campelo. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Departamento de Educação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [S. l.], 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000. 264p.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filmes e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Pretópolis: Vozes, 2003. p. 137-155.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p.19-37.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2021. 296 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 1. p. 9-30.

POSSENTI, Sírio. **Humor, Língua e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. 192p.

RECUERO, Raquel da Cunha Recuero da Cunha. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista Famecos**, [S.L.], v. 14, n. 32, p. 23, 14 abr. 2008. EDIPUCRS. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2007.32.3411> . Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3411/2675>. Acesso em: 15 ju. 2024.

ROJO, Roxane. **Escola Conectada: os multiletramentos e as tic's**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 215.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007. 472p.

SENHORAS, Elói Martins. O CAMPO DE PODER DAS VACINAS NA PANDEMIA DA COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 6, n. 18, p. 110–121, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5009525. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/400>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SILVA, Joaciana Pessanha Barbosa da. **Memes em perspectiva dialógica: uma análise bakhtiniana**. 2017. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística Aplicada, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unitau.br/jspui/bitstream/20.500.11874/5473/1/Dissertacao%20MLA%20Joaciana%20Pessanha%20Barbosa.pdf> . Acesso em: 10 abr. 2021.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. 2. ed. Recife: Pipa Comunicação, 2013. 319p.